



Sem Terrinha em Ação: a formação do Sujeito Sem Terrinha num contexto de mediatização contemporânea¹

Maria Aparecida da Silva – UFMA²

Ramon Bezerra Costa – UFMA³

Resumo: O presente trabalho aborda a construção e formação da criança Sem Terrinha enquanto sujeito de luta dentro do Movimento Sem Terra (MST), focando no impacto da mediatização profunda apresentada por Andreas Hepp. O estudo investiga como a mídia, especialmente as plataformas digitais, influencia a formação desse sujeito no cotidiano dos territórios de reforma agrária no Brasil e discute a importância de se pensar o letramento midiático e digital para a interpretação e produção de conteúdos, promovendo uma ação crítica e de embate frente a realidade vivenciada pelos Sem Terrinha. Tem como proposta de artefato a construção de um Programa de Formação teórica e prática na área do audiovisual para e com os Sem Terrinha.

Palavras-chaves: Sujeito Sem Terrinha; letramento midiático e digital; mediatização; formação; audiovisual.

INTRODUÇÃO

Durante suas quatro décadas de existência, completados em janeiro de 2024, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem acompanhado e vivenciado as transformações no campo brasileiro, desde a concentração ou a ainda limitada distribuição da terra, fruto da conquista dos movimentos sociais organizados, até o acelerado avanço das tecnologias e mídias que impactam tanto

¹ Trabalho enviado para o Encontro Nacional de Pesquisa Aplicada em Comunicação na trilha Comunicação e Políticas de Reforma Agrária e Desenvolvimento no Campo, na modalidade Artigo.

² Formada em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), atualmente é mestrandista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional da UFMA. E-mail: <silva.marial@discente.ufma.br>; Orcid: <<https://orcid.org/0009-0005-7460-491X>>; Lattes: <<https://lattes.cnpq.br/5327751956321310>>.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social e do PPGCOMPro da UFMA. Doutor em Comunicação pela UERJ. Coordenador do Grupo de Pesquisa ETC (Comunicação, Tecnologia e Economia) e do espaço de inovação ETC Hub, financiado pela Fapema. E-mail: <ramon.bezerra@ufma.br>; Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-2512-9412>>; Lattes: <<https://lattes.cnpq.br/2433489969000388>>.



os territórios quanto as pessoas que o ocupam, em todos os aspectos da formação humana.

Ao integrar determinadas formas de comunicação, como os meios digitais, por exemplo, os movimentos sociais conseguem expandir sua narrativa histórica, além de conquistar uma maior visibilidade e consequente apoio para as causas que defendem. Porém, em um ambiente midiático saturado, é preciso pensar como a utilização desses mesmos meios podem impactar nas dinâmicas sociais, culturais e políticas na sociedade de maneira geral e nestes movimentos, em específico.

A pesquisa busca investigar como esse avanço das tecnologias, em face ao que Andreas Hepp chama de midiatização, “que se refere à relação entre a transformação dos meios e da comunicação de um lado, e da cultura e da sociedade do outro” (Hepp, 2020) e de midiatização profunda, “o estágio avançado de midiatização, em que todos os elementos de nosso mundo social estão intrinsecamente relacionados às mídias e suas infraestruturas abrangentes” (idem), interfere na formação da infância Sem Terrinha, da criança Sem Terra⁴ como sujeito de luta em um movimento social do/no campo.

Ao explorar a relação entre comunicação, educação e midiatização, o desenvolvimento do trabalho visa compreender o funcionamento e os impactos desse movimento pelo qual as mídias, e o processo de midiatização contemporânea, podem transformar práticas sociais, culturais e políticas também no campo, no transcurso da formação humana da criança Sem Terrinha e na construção de identidade, que passa pelo questionamento e reconhecimento de seu lugar enquanto sujeito da luta social.

Por fim, a investigação pretende também a construção e desenvolvimento de um Programa de Formação junto ao Setor de Educação do MST, tendo como referência práticas pedagógicas e comunicacionais que o MST já desenvolve,

4 O nome Sem Terra, sem hífen e escrito com iniciais maiúsculas, diz respeito à construção da identidade do ser Sem Terra, pertencente ao MST (apresentado e desenvolvido pela primeira vez por Salete Caldart no livro *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, 2000).



voltado para o trabalho com as crianças Sem Terrinha nos territórios de reforma agrária.

1 PROBLEMA

Estudar e buscar entender os processos de midiatização em áreas de reforma agrária e como interfere ou se relaciona com a formação do sujeito Sem Terrinha, é de fundamental importância para compreender como as novas tecnologias e as dinâmicas midiáticas presentes também no campo brasileiro impactam no modo de ser e pensar esse sujeito da luta social.

A pesquisa sobre a formação da e do Sem Terrinha no campo num contexto de midiatização contemporânea é ainda um campo pouco explorado nas pesquisas acadêmicas e mesmo dentro do próprio MST, haja vista a pouca quantidade de materiais sobre o tema que se verifica nos espaços organizativos nos quais se inicia os diálogos a esse respeito, como o Setor de Comunicação, de Educação e mesmo a Frente de Tecnologia da Informação do MST. Boa parte dos textos e materiais que abordam e analisam a temática da midiatização no contexto de formação da criança analisam de um viés da educação nas cidades, tendo em vista também a premissa do acesso aos meios digitais e a internet no campo e na cidade.

O processo de midiatização, como abordado por alguns teóricos como Andreas Hepp, pressupõe que as mídias não apenas mediam, mas estruturam e podem transformar determinadas práticas sociais e culturais nos espaços em que estão inseridas. Isso implica dizer que pode refletir diretamente em como as crianças Sem Terrinha, impactadas pelo uso diário das tecnologias digitais ou não, são influenciadas, forjadas ou constroem sua identidade enquanto sujeitos sociais na luta pela terra e no enfrentamento às desigualdades, isso pensando tanto no campo simbólico quanto nas práticas do cotidiano.

Outro problema que cabe ao tema apresentado tem a ver com a sistematização e análise das poucas elaborações desenvolvidas inicialmente sobre as mídias digitais e a relação com a infância nesses territórios camponeses, a partir



de avaliações que apontam sobre as investidas das chamadas Big Techs na educação de maneira geral, e em especial nas escolas, nos últimos tempos.

Aponta-se as ferramentas digitais como um futuro inevitável para a educação. Sendo assim, é possível identificar que muitos dos inimigos que agem sobre a comunicação também se articulam no campo da educação. E a sua natureza, características e forma de atuação não são distintas. (Ferreira; Lima, 2022)

Hoje, por exemplo, grandes companhias internacionais de tecnologia monopolizam os serviços utilizados em escolas e universidades do mundo⁵. Segundo pesquisa realizada pelo Observatório Educação Viglada⁶, a partir de dados do Diário Oficial da União, as Universidades Federais e Institutos Federais de Educação do Brasil já gastaram R\$16.885.971,19 desde 2021 para a aquisição de licenças apenas do Google Workspace for Education.

Ainda mais visíveis pós-pandemia, as plataformas digitais na educação, têm sido muitas vezes impostas violentamente sobre as escolas (na pesquisa inicial, dados aparecem mais no âmbito do território urbano), desrespeitando as propostas político-pedagógicas da comunidade escolar e forçando estudantes, suas famílias e educadores a se adaptarem a elas. Padronizam do tempo que devem permanecer conectados até o tipo de conteúdo oferecido, em formato individualista e com metas a serem alcançadas. É preciso entender e apresentar um panorama de como se dá isso também nas escolas do/no campo, onde estão inseridas as crianças Sem Terrinha, ainda que estas tenham “menos acesso”, como se viu durante a pandemia da Covid-19, confirmada pela pesquisa realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic)⁷, em 2020.

Ainda, num mundo de muitos “produtores de conteúdos” nos mais diversos temas, entender também como esses Sem Terrinha se relacionam com as mídias disponíveis em seus territórios e como isso proporciona também uma perspectiva sobre como elas se veem e reproduzem determinados aspectos das mesmas, assim

5 Disponível em: <<https://zenodo.org/records/11243189>>. Acesso em 12 de set. de 2024.

6 Disponível em: <<https://educacaovigliada.org.br/>>. Acesso em 12 de set. de 2024.

7 Disponível em: <<https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>>. Acesso em: 11 de fev. de 2011.



como podem se utilizar dessas mesmas tecnologias para construir suas próprias narrativas, a partir do seu ponto de vivência na luta cotidiana.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa parte da compreensão sobre a importância da produção de um conhecimento situado, em que a pesquisadora não é neutra, ao passo que busca aprofundar a compreensão do campo em que está inserida, valendo-se, para tanto, de métodos e técnicas de pesquisa, com vistas à análise do processo de formação do sujeito Sem Terrinha num contexto de midiatização contemporânea.

Para a sua realização recorreremos a alguns métodos que nos farão entender quais são as principais interlocuções e interferências das mídias nos processos de formação da criança Sem Terrinha. Dentre estes, uma revisão bibliográfica do que já existe sobre a temática, os personagens a serem abordados e os conceitos com os quais a pesquisa pretende trabalhar, como fundamental para a visualização do estado da arte dos estudos e para o diálogo com os trabalhos sobre temas afins.

A pesquisa e análise documental, descritiva e exploratória também farão parte da metodologia, para entender onde se encontra o tema no contexto atual da sociedade e do Movimento Sem Terra e quais foram os processos e discussões por quais passaram até chegar ao ponto da necessidade de formulação sobre ele.

Serão utilizados como fontes alguns materiais das áreas de educação no MST, infância, pedagogia do MST, comunicação, cultura etc., desenvolvidos pelo próprio MST e outros, como atas e relatórios produzidas a partir de reuniões e encontros dos setores de educação e comunicação, e alguns de seus interlocutores como as escolas do campo, sobre o tema das mídias e das formações, além de pesquisa documental dos planos de formação já desenvolvidos pelo MST que visaram em algum momento a criança Sem Terrinha.

Isso pensando a partir de uma abordagem qualitativa e de pesquisa participante, em contraposição ao que Skinner, citado no livro de Antonio Carlos Gil,



Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, defende (mas já questionada pelo autor na sequência):

Skinner recomenda aos pesquisadores uma atitude de absoluta neutralidade em relação ao fenômeno pesquisado. Para ele a ciência “é uma disposição para aceitar fatos, mesmo quando eles se opõem aos desejos” (Skinner, 1953). A objetividade, entretanto, não é facilmente obtida por causa de sua sutileza e implicações complexas. Todo conhecimento do mundo é afetado pelas predisposições dos observadores. (Gil, 2008, p. 29)

A pesquisa pretende também uma abordagem em pesquisa-ação em alguns momentos durante o processo metodológico da investigação, além da pesquisa, conversas, exercícios mediados por plataformas digitais de reuniões on-line, WhatsApp etc., justificado pelo empecilho geográfico da mudança de país de residência da pesquisadora por pelo menos dois anos, com retorno ao Brasil a cada ano. Isso permitiria a realização e complementação da pesquisa iniciada remotamente, além da efetuação de uma ou mais intervenções com técnicas lúdicas ou de oficinas sobre mídias, plataformas e representação com as crianças Sem Terrinha, que deem conta de ir aplicando e testando para desenvolvimento e conclusão do Programa de Formação para o trabalho com as crianças Sem Terrinha, como resultado da pesquisa. Ação que propicie à pesquisa e à pesquisadora compreender até onde as próprias crianças se percebem e percebem o seu entorno num cenário de midiatização acentuada, ou profunda, usando o conceito de Andreas Hepp (2020).

Mas, para além desse empecilho geográfico de estar na Venezuela, o uso das tecnologias, o trabalho remoto mediado por estas no diálogo com as próprias crianças Sem Terrinha, com as educadoras/es etc. se traduz também como um dos aspectos da midiatização contemporânea, o qual pretendemos incluir na análise da midiatização e da formação do sujeito Sem Terrinha, tema deste trabalho.

Já na busca do espaço de análise, do objeto da pesquisa, o presente trabalho pretende se utilizar da técnica qualitativa de um grupo focal de crianças Sem Terrinha e educadores de determinada localidade do estado de São Paulo, para discutirem e compartilharem opiniões, experiências e percepções sobre o tema da



mediatização e da formação. Caso necessário, a pesquisa também pretende a utilização de entrevistas semiestruturadas que ajudem aprofundar os temas com algumas ou boa parte das crianças do grupo.

3 DESENVOLVIMENTO DE SOLUÇÃO

A pesquisa e construção de um Programa de Formação visando o letramento midiático das crianças Sem Terrinha e o desenvolvimento de materiais, tendo como referência uma prática pedagógica crítica (das mídias e do próprio processo de mediatização na atualidade), de proposição e participação coletivas, já desenvolvida durante anos pelo MST, pretende fortalecer a ideia do pensar a mediatização, e o uso das mídias como um todo, mais consciente nas intencionalidades das crianças Sem Terrinha.

Para isso, nos apoiaremos e partiremos do conceito apresentado por Fátima Régis de letramento midiático. A autora defende que o letramento midiático e digital envolve a interpretação crítica das mídias e que devemos considerar, no acesso e construção destas, quais são os interesses e intenções com as quais foram produzidas e até quais os efeitos/impactos que têm na sociedade e no espaço que se analisa. Isso para se pensar um processo de alfabetização midiática para e com as crianças Sem Terrinha, numa perspectiva de lidar com a compreensão, interpretação e análise das mídias, mas também de como a criança se vê, se representa, ou como é representada, e como ela pode passar a se representar e representar a luta na qual está inserida. Ponto essencial que se configura como uma prática pedagógica, e casa com as práticas dos processos de formação e educação já desenvolvidos pelo Movimento.

Aqui, importante lembrar que essa autorrepresentação não sendo apenas pelo campo do indivíduo pensando por si só, ainda que as individualidades contribuam na construção do todo, mas como apresentado por Ramon Bezerra, da subjetividade também como construção social:



Entendo tais processos como lógicas de funcionamento que produzem realidades nas quais vivem as pessoas e que exprimem crenças, valores, desejos, organizadas de maneira transversal a diversos campos, como o econômico, o político e a vida pessoal. Nesse sentido, fala-se da subjetividade como produção social, pois subjetividade aqui não remete às expressões interiorizadas de um sujeito, mas a uma experiência coletiva elaborada a partir de um fluxo permanente de sentimentos, desejos, emoções, valores, crenças, sensações e imagens, que se dão no entrelaçamento entre áreas técnicas, sociais, pessoais. A produção social de subjetividade está, assim, em circulação nos conjuntos sociais e é assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. (Costa, 2018, p. 178)

A formação da criança Sem Terrinha num contexto de midiatização contemporânea exige uma análise das interações entre mídia, educação, comunicação e infância na sociedade atual. O Programa de Formação se apresenta como uma tentativa de contribuição na formação do sujeito Sem Terrinha nesse contexto de midiatização. Tem a pretensão de formular e dialogar, num primeiro momento, principalmente sobre a questão do letramento, da alfabetização digital com as crianças, além de pensar no que as plataformas ou o que alguns chamam de “plataformização” interferem na dinâmica de organização e desenvolvimento das crianças Sem Terrinha, na relação entre si e nos limites dessa relação, como dialogada por Carlos d’Andrea no livro *Pesquisando Plataformas Digitais*, onde destaca que:

a atual ‘plataformização do social’ complexifica, mas não cristaliza as relações de forças entre os atores em ação. A intensificação de uma ‘sociabilidade programada’, por exemplo, não impede que continuemos a (re)fazer amizades ou outras formas de relação interpessoal mediada pelas plataformas, ou para além delas. (d’Andrea, 2020, p. 23-24)

Ainda nesse primeiro momento de reflexão teórica (que pode estar dividida em uma ou mais etapas), acrescenta-se a perspectiva de apresentar e analisar também as ferramentas e tecnologias sociais desenvolvidas pelo MST em outros momentos, que ajudem a desenvolver uma leitura crítica desses meios e plataformas, que já se fazem presentes no território e em contato diário com as



crianças, e de como podem ser usadas de maneira consciente das suas premissas e funcionalidades, para além do uso “automático”.

O segundo momento do Programa de Formação para/com as crianças Sem Terrinha diz respeito ao fazer prático do que pode ser o uso, o aproveitamento consciente de algumas dessas mídias, como uma abordagem a partir do audiovisual no trabalho de formação do sujeito Sem Terrinha e na construção de novas narrativas a partir do seu ponto de vivência e de diálogo com as mídias presentes no seu espaço de convívio e atuação.

No contexto da formação da criança Sem Terrinha isso se coloca em como a atuação destas são atravessadas pela mídia e como se veem, se representam em sua prática cotidiana dentro de uma organização social e como podem também passar a se representar depois de tomar consciência da interferência das mídias no seu cotidiano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, no contexto de midiatização contemporânea é fundamental que os integrantes do Movimento Sem Terra, em especial as crianças Sem Terrinha passem a conhecer sobre letramento midiático e digital, o que implica em desenvolver habilidades e métodos de análise, de avaliação dos processos midiáticos e das próprias mídias digitais. Além disso, de se inserir na produção de conteúdos midiáticos de forma consciente e crítica, utilizando esses meios e plataformas digitais no sentido de fortalecer suas vozes e visibilizar a luta enquanto MST e enquanto sujeito Sem Terrinha dentro dessa organização.

Ademais do desenvolvimento crítico a partir da aquisição de conhecimento sobre as mídias e suas intervenções no mundo e, em especial, nos territórios de reforma agrária, é importante pensar também o desenvolvimento de uma consciência crítica de materiais e produções que o Movimento já desenvolve ou venha a desenvolver a partir desse processo de formação da criança Sem Terrinha. É desse modo que a formação crítica em audiovisual se torna ferramenta essencial



para que o sujeito Sem Terrinha não apenas consuma conteúdos midiáticos, mas também crie e desenvolva suas próprias narrativas, a partir do seu ponto de vivência cotidiana.

O audiovisual, desde a análise de outros até a construção de seus próprios materiais, que reflitam e dialoguem com sua realidade, isto é, na leitura, interpretação e produção de narrativas, oferece uma importante forma de reflexão e de expressão, principalmente se considerarmos a visibilidade que ele proporciona, às vezes em bem menos tempo do que outras expressões midiática, por conta dos meios de difusão e de acesso, como as redes sociais, por exemplo.

Por fim, e não menos importante, a educação e formação contínua como processos de permanente diálogo com a realidade vivenciada também é parte fundamental para se pensar os aspectos da formação humana da criança como um todo, de estar na realidade e vivenciá-la de maneira crítica para que possam ter condições de intervir diretamente na mesma e em seus processos de necessária transformação, o que significa impacto não apenas imediato, mas também, e principalmente, a longo prazo.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Helena Martins do Rêgo; NUNES, Márcia Vidal. Das ideias que se fazem gestos: sensibilização, formação e produção de novas ações comunicativas. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPOS**, 20., 2011, Porto Alegre. *Anais [...]*. Campinas: Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/trabalhos/das-ideias-que-se-fazem-gestos-sensibilizacao-formacao-e-producao-de-novas-acoas>. Acesso em: 13 ago. 2026.

COSTA, Ramon Bezerra. **Economia da confiança**: comunicação, tecnologia e vinculação social. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020. (Coleção Cibercultura).



HEPP, Andreas. Da midiatização à midiatização profunda. In: FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto; BRAGA, José Luiz; ROSA, Ana Paula (org.). **Midiatização, polarização e intolerância**: entre ambientes, meios e circulações. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). **Crianças em movimento**: as mobilizações infantis no MST. São Paulo: MST, 1999. (Coleção Fazendo Escola, n. 2)

PEREIRA, Isac dos Santos; PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. O corpo brincante, o brinquedo corpo que fala: desenhos animados, comunicação e imaginário no desenvolvimento infantil. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 7-17, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/160933>. Acesso em: 13 ago. 2026.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 26., 2003, Belo Horizonte. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_COLOQUIO_peruzzo.pdf. Acesso em: 13 ago. 2026.

REGIS, Fátima. Letramentos e mídias: sintonizando com corpo, tecnologia e afetos. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 2, p. 147-163, ago./nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/40578>. Acesso em: 13 ago. 2026.

SILVA, Elis Rejane Santana da. O renascimento da infância a partir da educomunicação. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (org.). **Educomunicação e suas áreas de intervenção**: novos paradigmas para o diálogo intercultural. São Paulo: ABPEducom, 2017. p. 217-224.